

Padre Vieira e suas ações políticas no reino português aliadas ao seu profetismo

Leonardo Soares Barbosa*

RESUMO:

Este trabalho terá por base a *História do Futuro* de Antônio Vieira e afirmará que a partir das intenções proféticas do jesuíta, é possível entender suas ações políticas em um contexto mais geral de sua vida. Este livro, iniciado em 1649, trata do papel central que Portugal teria sobre o futuro *Quinto Império* do mundo, que seria o de Cristo na terra que se estabeleceria no ano apocalíptico de 1666. Seria um reino de mil anos, anunciando a chegada do anticristo cuja atuação precederia ao Juízo Final. O governo não seria exercido diretamente por Cristo, mas pelo papa de Roma e pelo rei de Portugal. Neste período, Vieira se torna amigo de D. João IV, faz viagens diplomáticas e traz consigo visões inovadoras à corte portuguesa, a fim de que Portugal assumisse a hegemonia frente aos outros países, na busca de anunciar um futuro glorioso próximo para este reino, além de participar diretamente para que tal fato ocorresse, influenciando o rei em tomada de decisões convergentes com seus objetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Padre Vieira; História do Futuro; Corte Portuguesa

ABSTRACT:

The alicerce of this study is the book “History of the Future” from Antonio Vieira. This work intends to show that from the Vieira’s prophetic intentions is possible to understand his political action in a general context in this life. This book refers to the central role Portugal would have over the future “Fifth Empire”, the empire of Christ on earth, to be established in the apocalyptic year of 1666. It’d be a one thousand year kingdom, spiritual and temporal aspects, announcing the coming of the antichrist, whose works would bring the “Final Judgment” day. The government wouldn’t be directly executed by Christ, but by the pope and the king of Portugal. From 1641 on, Vieira got closer to D. João IV, becomes “regium” diplomatic, bringing to Portugal ideas to make it the hegemonic country again, in his pursuit of announcing for this kingdom a glorious future that was coming, besides contributing directly for this fact occurrence, affecting the decisions of the king when these were converging to his objectives.

KEY-WORDS: Vieira Priest; History of the Future; Portuguese court.

* Atualmente é mestrando da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O objetivo deste trabalho é entender melhor as ações políticas do padre Antônio Vieira de um modo geral, tendo em vista a sua constante busca da realização de sua profecia acerca do “Quinto Império”¹ do mundo, que seria na prática, a volta de Portugal como país hegemônico sobre todos os outros. Para a concretização desta proposta, analisarei parte de uma obra profética deste jesuíta – a *História do Futuro*², destinada a convencer a maior parte de seu público de que esta profecia de um futuro glorioso para Portugal estava prestes a se cumprir, especialmente a corte portuguesa, da qual cabiam as principais decisões para que tal fato ocorresse.³ Por isso, antes de buscar entender as ações políticas de Vieira junto a este reino, se faz necessário dizer algumas palavras sobre Vieira, sua obra profética e o ambiente intelectual em que viveu.

Antônio Vieira pode ser considerado como um grande missionário, ou um importante nome para literatura mundial, ou um cronista, ou até mesmo um historiador, pois desempenhou todos estes papéis em sua longa jornada de oitenta e nove anos de vida (1608-1697). Viajou por grande parte do nordeste brasileiro, além de viagens diplomáticas pela Europa, depois de se tornar amigo confidente de D. João IV, sempre escrevendo sobre temas bem variados, a maioria deles, de alguma forma, exaltando a sua “Pátria”.

Vieira nasceu em Lisboa, foi batizado na Sé Metropolitana, provavelmente na mesma pia do famoso Santo Antônio de Lisboa (informação apologética). Entre 1614 e 1615 vem com sua família para o Brasil, pois seu pai fora nomeado escrivão na Bahia, onde foi aluno do Colégio dos Jesuítas e teve acesso à cultura letrada.⁴ Já aos dezessete anos de idade era encarregado de escrever em latim as ânuas que eram enviadas da província ao Geral de Roma e aos dezoito anos começou a lecionar retórica no colégio de Olinda e depois, filosofia dialética. Em 1635 é ordenado sacerdote e a partir daí, apesar de já ter feito algumas pregações, começa a exercer este papel em sua vida, em suas infindáveis missões, principalmente por diversas regiões do Brasil.

¹ Os outros quatro impérios anteriores a este, na visão de Vieira, eram: o dos assírios, o dos persas, o dos gregos e o dos romanos.

² A edição aqui utilizada desta obra é a de José Van Den Besselaar. 2 vols. Munster: Aschendorffsche Verlagshandlung, 1976.

³ Este trabalho está inserido em uma pesquisa que venho fazendo desde a graduação e continuo com ela agora no mestrado, que é justamente a tentativa de mostrar uma unidade no pensamento e na obra do padre Antônio Vieira abordada sob o ponto de vista denominado por Alcir Pécora de político-retórico-teológico. Sobre este tema em particular, ver PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo. EDUSP, 1996.

⁴ Neste período, poucos setores da sociedade tinham acesso à cultura letrada no Brasil, que era sintetizada nas duas grandes instituições da época: a Igreja e a Universidade. A instituição universitária não se desenvolveu nas terras da colônia portuguesa naquele período, portanto será no colégio religioso de Salvador que Vieira adquire seus principais conhecimentos e dá início à sua erudição. Sobre este assunto, ver PAZ, Octávio. *Sóror Ruana Inês de la Cruz: Armadilhas da Fé*. São Paulo: Mandarin, 1998, p. 73.

É importante ressaltar que a Companhia de Jesus, da qual Vieira fazia parte, tinha seus preceitos baseados nas idéias de seu fundador, Inácio de Loiola, que enfatizava a intervenção no mundo, bem como uma religiosidade humanizada por parte dos membros desta ordem. Isto é nítido nas palavras de Alcir Pécora quando afirma que “os colégios jesuítas não deixaram de testemunhar de maneira eloqüente a passagem dos ventos que sopravam do mundo humanista, a despeito de canalizá-los, sobretudo, na direção de uma formação profissional” (PÉCORA, 1996: 75). Havia, portanto, nos primeiros jesuítas, a fusão da tradição cristã com o humanismo clássico. A Bíblia e Ovídio, Santo Agostinho e Cícero, Santa Catarina e a sibila Eritréia, eram leituras constantes dos jesuítas.

Entre outras influências sofridas por Vieira, vale ressaltar algumas crenças messiânicas e milenaristas que vão ser uma constante em seus escritos. Entre elas, destaca-se o Sebastianismo expresso especialmente nas “profecias de Bandarra”. Estas estão relacionadas a um homem do século XVI chamado Bandarra que nasceu em Trancoso pequena cidade comercial da região das Beiras, e lá se destacou como intérprete das sagradas escrituras, em especial sobre as profecias nelas presentes para os cristãos novos que haviam na região. Há um certo “clamor” profético e messiânico característico de suas trovas ou profecias, que se relaciona com a volta do Rei encoberto, aquele que levaria de Portugal a todos os povos o cristianismo. Elas ganham força justamente quando D. Sebastião desaparece em uma de suas expedições pela África no intuito de retomar a expansão ultramarina e recuperar as possessões em terras africanas. Vieira interpretará este referido rei como sendo D. João IV. Adere a esta tese e por isso compra uma briga acirrada com a inquisição, mas mesmo assim parece não abandoná-la totalmente (VIEIRA, 1976: 8).

A *História do Futuro* de Vieira não chegou a ser terminada, mas somente esboçada por este jesuíta, o que se tem redigido hoje é o chamado Livro Antepimeiro, que foi sendo trabalhado desde sua publicação em 1718 e atualmente é objeto de estudo de alguns intelectuais que se interessam pelo tema, principalmente pelo tom visionário apresentado na obra pelo jesuíta. Esta teve sua redação iniciada pelo padre Antônio Vieira em 1649, buscando anunciar especialmente ao povo português a Sua História do Futuro. Ela trata do papel central que Portugal teria sobre o futuro *Quinto Império* do mundo, que seria o de Cristo na terra que se estabeleceria no ano apocalíptico de 1666. Seria um reino de mil anos tanto no âmbito espiritual quanto no temporal anunciando a chegada do anticristo cuja atuação precederia ao Juízo Final. O

4

governo não seria exercido diretamente por Cristo, porém, pelo papa de Roma e pelo rei de Portugal, seus dois vigários (VIEIRA, 1976: 83-86). Deste modo, tal livro surge como apresentação inacabada de um tratado apenas esboçado, fruto de um imenso trabalho feito ao longo de muito tempo (de 1649 até os últimos anos de sua vida). Daí entender que com o passar dos anos Vieira já o intitulava como sendo a “grande” e esperada *História do Futuro*.

Pode-se afirmar que este livro é caracterizado por uma singular ousadia do referido jesuíta, na medida em que se insere como um escrito de propaganda ideológica e de intervenção política na literatura panfletária da Restauração e da guerra de independência ocorrida entre Portugal e Espanha. Em Vieira é clara a intenção de elevar Portugal a categoria de povo eleito, escolhido para realizar a obra, ou a missão de dominar os demais povos a fim de se tornar o *Quinto Império* do mundo, fato já profetizado pelos profetas antigos e pelos modernos, com os quais o jesuíta se identificava e se colocava como o anunciador da vinda deste império, assim como João Batista com relação a Cristo, uma vez que Vieira, em sua visão, estaria sendo favorecido por viver no período em que “os grandes acontecimentos” iriam ocorrer. O jesuíta afirmava ver mais que os escritores antigos e nas suas próprias palavras: “Hum pigmeu sobre hum gigante pôde ver mais que elle” (VIEIRA, 1976: 165). O papel da Espanha neste contexto era de desistir da guerra e tentar promover a paz, enquanto ao povo português caberia crer em sua vitória e na promessa sagrada de sua hegemonia frente ao mundo. (VIEIRA, 1976: 80-81).

A base da profecia vista em Vieira é nitidamente abordada em sua *História do Futuro*. Desde o princípio do livro, quando exalta os feitos portugueses, explica a sua prevalência frente à Espanha, assim como as utilidades deste seu livro, todas elas favorecendo o reino português tanto em seu passado, como em seu presente, assim como no futuro que há de vir. Até o fim da obra aborda argumentos bem elaborados a favor de sua referida tese com relação ao destino dos portugueses, sempre em uma exegese apurada, visto a amplitude de citações bíblicas utilizadas para legitimar a sua argumentação, dando crédito, portanto, a sua fala.

Vale ressaltar que a *História do Futuro* tem estreita relação com o tema dos descobrimentos, já que as vitórias nas batalhas são enfatizadas e tidas como feitos épicos, os perigos superados proporcionalmente à quantidade de oceano navegado. Isto é feito de várias formas, e a que parece ser a mais elucidativa delas é quando Vieira faz menção às conquistas de Alexandre Magno, afirmando ser ele um grande homem que “formou o valor, aperfeyçoou a arte

5

e acompanhou a fortuna” (VIEIRA, 1976: 106). O jesuíta engrandece o valor das profecias, no caso as de Daniel⁵, pois sem elas não “obrára e levára ao cabo o que obrou” (VIEIRA, 1976: 106). Em seguida Vieira compara estas conquistas com as dos portugueses, dizendo que com toda certeza as vitórias portuguesas foram muito maiores do que as de Alexandre Magno, afirmação que pode ser bem percebida nesta passagem:

“Quem ignora que foram mais estendidas e gloriosas as conquistas dos Portugueses que as de Alexandre Magno na mesma Índia?... Que dissera se vira as navegações dos Portugueses no mesmo oceano? Obrigação tinha, em boa consequência, de lhes chamar immortaes... Não chegarão os Portugueses só as ribeyras dos Ganges, como Alexandre, mas passarão e penetrarão adiante muito mayor comprimento de terras que ha des do mesmo Ganges á Macedônia, donde Alexandre tinha saído”. (VIEIRA, 1976: 106-107).

Na visão de Antônio Vieira, esta sujeição de Portugal com relação à Espanha, ocorreu por causa dos imensos pecados cometidos pelos próprios portugueses (entre os quais ele mesmo se inclui) como um pagamento que Portugal, escolhido por Deus para reinar, tivesse que dar ao seu Mestre, prestando contas a ele e se redimindo para poder realizar sua vocação no mundo (VIEIRA, 1976: 133).

Na tentativa de confirmar o poder das profecias que ele chama de “verdadeiras”, destaca o exemplo de vários reis que confiavam muito mais no poder das armas do que nesta referida força profética. Dentre eles vale ressaltar o rei Herodes, que conhecia a verdade das profecias, estava ciente de que nasceria o Messias, mas mesmo assim tratou de perseguí-lo com seus exércitos. Porém, nada conseguiu, não venceu nenhum inimigo que pretendia derrubar, somente Belém, que chorou em lágrimas, muitas pessoas morreram, sangue inocente foi derramado, sem conquistar nenhum de seus objetivos. Isto porque já estava destinado por Deus o domínio do seu verdadeiro Senhor e firmado em sua palavra (VIEIRA, 1976: 133). De nada adiantaria então os planos de Espanha para que Portugal permanecesse em seu domínio sob o suporte das armas já que o próprio Deus assim não o desejava. A partir de todas estas certezas é que Vieira busca profetizar sobre o futuro de Portugal, a fim de que sua fala pudesse ter uma maior mais confiabilidade, uma vez que tudo o que falara anteriormente realmente aconteceu.

⁵ Em especial no capítulo oito do livro de Daniel que em metáforas, predizia a vitória de Alexandre sobre os persas e os medos e sua partida rumo à conquista do oriente.

Este jesuíta, além de um pregador religioso, se mostrou um político hábil, oportunista e até mesmo, nas palavras de Pécora, “maquiavélico”. Exemplo típico deste maquiavelismo jesuítico é o capítulo dedicado a Vieira por Teófilo Braga em seu *Os Seiscentistas*. Após afirmar que este jesuíta tentou por diversas vezes subordinar Portugal à França e Espanha, já que com o crescimento da Companhia na França e a paz desta com a Espanha, Portugal já não interessava a ela, Braga conclui “que falharam todas as intrigas do Padre, deixando quase em descoberto o jogo diplomático da Companhia de Jesus” (BRAGA apud PÉCORA, 1996: 47).

Até 1641, o Padre Antônio Vieira não tinha importância nenhuma na corte portuguesa e, conseqüentemente, não tinha feito suas viagens diplomáticas, mas simplesmente algumas pregações no nordeste brasileiro, local em que começara seus estudos. Neste período, volta pela primeira vez para Portugal, onde nasceu, em uma embaixada de fidelidade para o novo rei (período em que se tem início a restauração portuguesa).

Entre os anos de 1646 e 1648 Vieira faz viagens à Holanda e lá conhece formas de organização política e econômica completamente diferentes daquelas por ele até então conhecidas, o que impressiona o referido jesuíta. Encontra-se com os judeus e há uma certa identificação de esperanças messiânicas de Vieira com as deste povo, além da expectativa em relação à visão apocalíptica de história ser bastante semelhante.⁶ O jesuíta entra em contato com os judeus, mas não inteiramente por aspirações religiosas e nacionais, como ele próprio alegara, porém, por razões também de ordem financeira. Antônio Vieira buscava o desenvolvimento de Portugal a todo custo e visava fazer isso de maneira completamente racional e lúcida. Chegou até a propor que se fundassem duas companhias de comércio nos moldes das que havia visto na Holanda. Porém, concomitantemente a tal busca, visava justificar com ela o seu tratado profético ou a sua exegese com relação ao destino providencial reservado ao reino português.⁷

6 Vale ressaltar que os judeus tinham o seu messianismo baseado nas profecias que os colocavam como o povo escolhido por Deus, tendo por base de seu apocalipse o sonho de Daniel, no qual pela primeira vez se pensava um reino glorioso que ultrapassava os limites da Palestina e que na verdade enquadrava toda a terra. Este reino terrestre, visto na concepção judaica é semelhante ao que Vieira refere em sua argumentação, diferente do que pensava a Igreja Romana que faz menção ao “Reino dos Céus.” E a partir do século XV, o judaísmo passa a crer na possibilidade de interferência do homem no processo divino, o que torna mais próximo a chegada do Redentor (fato ocorrido mediante às perseguições sofridas pelos judeus na Península Ibérica), idéia também compartilhada por Vieira. Sobre as relações entre judaísmo e o padre Vieira, ver o artigo escrito por Antônio José Saraiva intitulado *Antônio Vieira, Menasseh bem Israel e o Quinto Império*.

⁷ Vale destacar aqui é que Vieira tinha a consciência da ajuda financeira que os judeus poderiam oferecer a Portugal, este jesuíta até propõe uma forma de integrar o judaísmo dentro do cristianismo como uma maneira de uni-los ainda

Antônio Vieira tinha visões lúcidas sobre o sistema de forças européias, disposto, em muitos casos, a “acreditar menos em milagres que no fortalecimento do Estado através de navios e armas capaz de fazer frente à argumentação beligerante e extratécnica dos inimigos” (PÉCORRA, 1996: 47). Esta é apenas uma das várias faces adquiridas por Vieira, dependendo da ocasião em que se encontrava.

Outra face atribuída a este jesuíta, que também o caracteriza como um autor moderno, é de um Vieira judaizante. Como dito no capítulo anterior, Vieira buscava uma compatibilidade de idéias com os povos judeus, não por aspirações meramente religiosas, mas por motivos financeiros, uma vez que ele viajou na Holanda, conhecendo lá formas de organização econômica e social muito mais desenvolvidas das que ele até então conhecia, percebendo que este era o país mais rico daquele período, assim como o país que tinha um maior número de judeus. Isto para Vieira não era mera coincidência, pois tinha a total dimensão do apoio financeiro que os judeus poderiam representar para Portugal, caso fossem incluídos pelo catolicismo e integrados a este povo.

O jesuíta também fica conhecido como o “Judas do Brasil”, o “vilão do Papel Forte”⁸, antipatriota, que propunha o pagamento à Holanda para que esta ficasse de vez com Pernambuco, fato não ocorrido devido a este Estado ter conseguido se livrar dos inimigos e conseguir se manter sob a coroa de Portugal (PÉCORRA, 1996: 48-49). Mas Vieira tinha a plena noção naquele período do pouco que Pernambuco representava para Portugal diante da pressão sofrida por este país pela Holanda. O jesuíta prezava, naquele momento, pela conservação do reino português e pelo seu desenvolvimento político e econômico, pois como um grande diplomata, entendia bastante de negociações e estava ciente do lucro que tal empresa representaria para Portugal. Além disso, esta medida faria com que Vieira ganhasse tempo com o decorrente retardo das ações mais decisivas da frota holandesa. Pois, na sua visão, “se chegava às portas de um momento que acreditava iminente e que operaria verdadeira transformação na história humana” (PÉCORRA, 1996: 64).

mais, não só nas suas esperanças messiânicas, mas também em suas crenças. Pois sabia que a Holanda era o país mais rico do período e tinha um número enorme de judeus em seu território.

⁸ O “papel Forte” foi um documento que data de 1648 com que Vieira defendeu o prosseguimento das negociações de Portugal com a Holanda, mesmo com o custo de perder o “estado” de Pernambuco, que era “protegido” por todos os outros “estados” do reino.

A partir de todas as elucidações acima, percebe-se que é impossível analisar as ações políticas de Vieira sem estar ciente de seu profetismo, especialmente o expresso em sua *História do Futuro*, pois o desejo de fazer cumprir a profecia do Quinto Império português, soberano sobre os outros, rico e poderoso, é justificado nesta obra, principalmente quando o jesuíta se refere à corte portuguesa e busca influenciá-la em tomada de decisões que leve este país a tão sonhada hegemonia sobre todos os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, João Lúcio. *História de Antônio Vieira*. 2.ed. Lisboa, Clássica, 1931.
- BATAILLON, Marcel. “Le Brésil dans une vision d’isaie selon le père Antonio Vieira”. Buletin des études portugaises. XXV, 1964.
- BESSELAAR, José van den. *História do Futuro (livro Antepreimeiro)*. Ed. Critica, Munster, Ashendorff, Série Vieira texto, und Vieira Stuien, III, 1976.
- BUESCU, M. Leonor. Carvalhão. “Introdução”. In: VIEIRA, Antonio. *História do Futuro*. (v. Bibliografia - V: Obras de Vieira).
- CANTEL, Raymond: “*Prophetisme et Messianisme dans l’Oeuvre d’Antoine Vieira*.” Paris. Ediciones Hispano-Americanas. 1960. “*Les Sermons de Vieira. Études du style*.” Paris Ediciones hispano-americanas 1959.
- CIDADE, Hernani. *Padre Antônio Vieira*. Lisboa, Presença, 1985.
- DESCARTES, Rene. *O Discurso do Método*. L e PM editores. 1 ed, 2005.
- DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição*. Rio de Janeiro: Editora COPPE/UFRJ, 1996.
- GOMES, Eugênio. “Shakespearee Vieira”. In: *Prata da casa. Rio de Janeiro, A Noite*, s/d.
- LEITE, Serafim. “Para a vida do Padre Antônio Vieira”. *Mensário do jornal do comércio*, XVII (2), fev.1942.
- LINS, Ivan. *Aspectos do Pe. Antônio Vieira*. 3a.Edição. Rio de Janeiro. Edição de Ouro. 1966.
- MEITH, J.C.S.B. *Os Jesuítas*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- _____”*Para uma teoria geral do Padre Antônio Vieira*”. Palestra proferida no evento “Vieira Plural”, out, 1997, (mimeo).
- MUHAMA, Adma Fadul. *Os Recursos Retóricos na Obra Especulativa de Antônio Vieira*. Dissertação de mestrado de literatura brasileira, USP-Serviço de Apoio Didático, 1989.
- MURARO, V.F. *Padre Antônio Vieira: o profeta do Quinto Império*. São Paulo, Loyola, no prelo.
- PAZ, Octavio. *Soror Juana Inés de la Cruz*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- PÉCORA, Antônio Alcir Bernárdez. *Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo. EDUSP. 1996.
- PEIXOTO, Afrânio. *Vieira Brasileiro*. Lisboa, Tip.da empr. Do Diário das Notícias, s/d. 2 vols.
- RICARD, Robert. “Antonio Vieira et Sour Juana Inês de la Cruz”. Buletin des études portugaises, 12, 1948.

RODRIGUES, José Honório. “Antonio Vieira, Doutrinador do Imperialismo Português”. *Verbum*, Rio de Janeiro, 5, XV, fasc. 3, 1958.

SARAIVA, Antônio José. *O Discurso engenhoso*. São Paulo. Perspectiva. 1980.

XIII *Encontro de História Anpuh-Rio*

Identities